



**GT – 22: Urbanização e cidades na era digital: desigualdades e resistências**

**Cibercultura e as novas práticas de intervenção urbana:  
reflexões sobre comunicação ascendente e cultura no centro de São Paulo-  
SP**

Autor(01): Sarah Aparecida Montrazio  
Filiação institucional: Universidade Estadual de Campinas  
E-mail: sarahmontrazio@gmail.com

**RESUMO**

Este trabalho busca analisar as novas práticas e ações nos usos do território do centro da cidade de São Paulo pela perspectiva cultural. Destaca-se a contradição das relações entre técnica e vida social no contexto da globalização, onde as práticas culturais insurgentes reconfiguram e atualizam-se por meio das tecnologias da informação hegemônica. A cibercultura é apresentada como um campo de interações entre sociedade e cultura, enraizado nas tecnologias informacionais. Por meio de *novas práticas, processos e estruturas* de intervenção no espaço urbano, pretendemos refletir as formas pelas quais a juventude encontra possibilidades de manifestar-se culturalmente frente a um período marcado pela alta densidade do meio técnico-científico-informacional.

**Palavras-chave:** *Cibercultura; Direito à cidade; Movimentos Culturais.*

## 1. INTRODUÇÃO

---

As diferentes formas de ocupação e produção do espaço urbano – seja transitória, fixa, social ou política – interferem diretamente nos usos e construção de uma cidade inclusiva ou excludente. Segundo Canclini (2019), nas últimas décadas, juntamente com o avanço da globalização, os processos de produção cultural vêm sendo incorporados massivamente pelos agentes de midiaticização e digitalização, transferindo em grande escala o controle cultural para grandes empresas transnacionais. Há, nesse sentido, o fortalecimento da *cultura de massas* (Santos, 2000) e, paralelamente, a constituição de *novas relações* entre as técnicas e a vida social frente a vivência da escassez.

Sob esse estado de contradição – também de solidariedade – as *tecnologias de sobrevivência* (Ribeiro, 2004; Rizzatti, 2020) *atualizam-se e se fortalecem* (Silva, 2022). É nesse sentido que buscamos dar destaque à reflexão acerca das forças culturais – arraigadas aos lugares dos grandes centros urbanos – e sua inserção no bojo das lutas pelo *direito à cidade* (Lefebvre, 1968) e *ao território* (Santos, 1987) em um período marcado pela alta densidade do meio *técnico-científico-informacional* (Santos, 1994a).

A observação de *novas práticas, processos e estruturas* (Canclini, 2019) de intervenção artístico-cultural no espaço urbano e da construção de *contra-racionalidades* (Santos, 2000), por meio da apropriação das técnicas, articulação, cooperação em rede e o desenvolvimento de *densidades comunicacionais*, nos permite tecer uma reflexão entre cultura e tecnologia frente ao atual período, buscando compreender o espaço como *campo de possibilidades* (Santos, 2000).

Dessa forma, delimitamos nosso percurso investigativo em duas etapas: *Cibercultura: novos processos e práticas culturais no período informacional* e *O centro de São Paulo como miríade cultural*. Na primeira, buscamos apresentar e discutir a *cibercultura*, refletindo as transformações culturais no atual período. Lemos (1999), entende a mesma como campo de relação entre sociedade e cultura arraigado às tecnologias informacionais. Como forma introdutória, nosso objetivo é tecer reflexões acerca dessa *relação simbiótica* e inseri-la na compreensão das manifestações e produções culturais contemporâneas no campo das lutas pelo direito à cidade.

A segunda parte coloca-se como continuação desta discussão e, de maneira específica, apresenta o recorte espacial: o centro antigo da cidade de São Paulo. Objetivamos analisar suas dinâmicas espaciais por meio de sua complexa miríade cultural, buscando compreender as formas como os novos processos e práticas de coletivos e movimentos, que ocupam essa área, inserem-se e reinventam-se através de ações tecidas no viver cotidiano. De forma específica apresentamos as ações do Coletivo Coletores e a cultura *soundsystem* do centro.

### **Cibercultura: novos processos e práticas culturais no período informacional**

O processo de informatização e digitalização dos territórios a nível global, com forte impacto nos países do sul, vêm criando mudanças imensuráveis na produção e consumo cultural. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), mostram-se, nas últimas décadas, como essenciais e indispensáveis para a compreensão da formação socioespacial brasileira (Santos, 1977; Silva, 2022).

Através do alargamento de uma cultura global baseada nas *ideologias de homogeneização* (Silva, 2022) há a marginalização das práticas, tradições e identidades locais. Nesse sentido, ganha espaço a *cultura-mercadoria* e a *cultura de massas* (Santos, 2000), criando condições complexas de produção, circulação e comercialização dos bens culturais.

Santos (2000), nos indica, todavia, que frente a esse novo período da história, os sujeitos descobrem novas potencialidades na construção do mundo através de outras formas de viver e construí-lo. Nesse mesmo sentido, segundo Lemos (2008) e Moysés (2018), novos modelos de produção cultural emergem nas periferias globais participando do mundo pela *produção ascendente* e apontando-se como respostas às crises da indústria cultural tradicional. Santos (2000, sn) expõe:

A grande mutação tecnológica é dada com a emergência das técnicas da informação, as quais, ao contrário das técnicas das máquinas, são constitucionalmente divisíveis, flexíveis e dóceis, adaptáveis a todos os meios e culturas, ainda que o seu uso perverso atual seja subordinado aos interesses dos grandes capitais. Mas, quando sua utilização for democratizada, essas técnicas doces estarão a serviço do homem.

Frente ao processo de interação e adensamento da tecnologia com a esfera da vida social, as formas de comunicação, articulação e produção cultural transformam-se. Dessa maneira, o *meio-técnico-científico-informacional* enquanto categoria fundamental para a

compreensão atual da formação e organização socioespacial, conecta-se com o entendimento da cibercultura enquanto reflexo da alteração das dinâmicas sociais ante o atual período.

Desde o surgimento e popularização da internet, plataformas e tecnologias digitais, o conceito de *cibercultura* vêm perpassando o campo de discussões acerca das novas práticas, processos sociais e culturais resultantes do período informacional. Lévy (1998;1999) e Lemos (2002;2004) apontam a cibercultura como um conjunto de práticas culturais que emergem a partir da relação entre cultura e tecnologia. Nesse sentido, inserem-se os meios de comunicação mediados por máquinas, internet e também a produção, consumo e apropriação de conteúdos digitais. Segundo Lévy (1999, p. 17):

Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Dentre os principais agentes da cibercultura, destacam-se os jovens. Esses, em sua maior parte, utilizam a tecnologia como campo de expressão, criatividade e interação. São também, em grande parte, aqueles que reivindicam e fazem o maior uso do espaço público. Através dos nexos entre tecnologia e as reivindicações pelo direito à cidade, protagonizam *novas práticas urbanas* (Caldeira, 2012).

Lemos (1999) discute que no campo dos movimentos sociais as redes informacionais e suas plataformas vêm sendo utilizadas como ferramentas de organização e mobilização para a ocupação do *espaço real*. Através de conexões em comunidades, as ações, os eventos, os encontros e as práticas, são mobilizadas no virtual para serem efetivadas nos lugares.

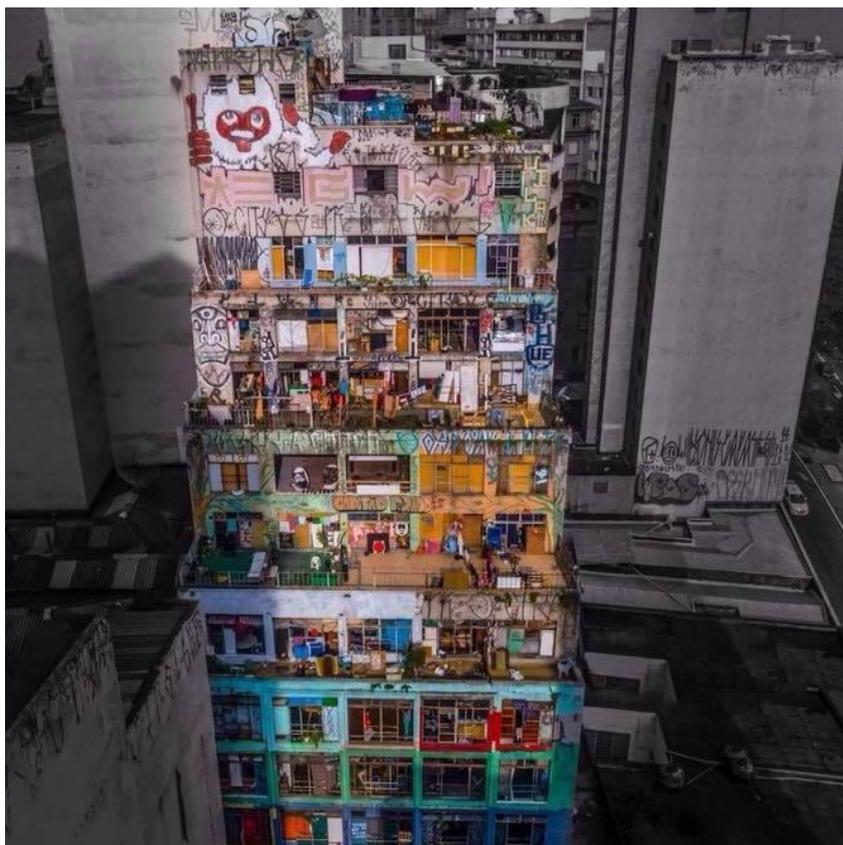
Essas novas práticas, todavia, não extinguem as práticas tradicionais. A tecnologia é incorporada como *amparo*, criando no campo da cultura diálogos entre a tradição e o contemporâneo, o local e global. Estabelecem-se assim *novos sistemas de ações, novas redes e circularidade de informações* (Santos, 2000).

Nesse emaranhado de técnicas dentro do qual estamos vivendo, o homem pouco a pouco descobre suas novas forças. Já que o meio ambiente é cada vez menos natural, o uso do entorno imediato pode ser menos aleatório. As coisas valem pela sua constituição, isto é, pelo que podem oferecer. Os gestos valem pela adequação às coisas a que se dirigem. Ampliam-se e diversificam-se as escolhas, desde que se possam combinar adequadamente técnica e política. Aumentam a previsibilidade e a eficácia das ações. SANTOS (2000. p. 164.)

Dessa maneira, muitos movimentos sociais, também culturais, de caráter local, tornam-se conhecidos mundialmente frente à fatores como a articulação pelas redes. A Ocupação

Cultural Ouvidor 63, localizada na região central da cidade de São Paulo, por exemplo, é tida como a maior ocupação de artistas da América Latina. Isso deve-se, entre outros fatores, pela ampla divulgação e compartilhamento virtual da ocupação nas redes, atraindo artistas do mundo todo.

**Figura 1 – Fachada da ocupação Ouvidor 63**



**Fonte:** Acervo Ouvidor 63.

Essas articulações, estendendo-se para além do campo virtual, auxiliam e criam novas dinâmicas de interação social e cultural no espaço urbano. Amplificam vozes e a juventude *emerge* como protagonista dessas novas práticas. Harvey (1980) afirma que a *justiça social* tem como principal campo o espaço público. Esse, por sua vez, é disputado e ocupado por esses agentes e pelas novas práticas de sociabilidade atreladas à cibercultura.

As tecnologias digitais possibilitam que os jovens se apropriem dos espaços públicos de outras maneiras, desafiando as hierarquias tradicionais e criando novas dinâmicas de interação e participação. A cibercultura oferece, assim, novas possibilidades para as práticas culturais da juventude, permitindo a criação de expressões híbridas que articulam tecnologia e cultura. Estas

práticas não apenas enriquecem o tecido cultural urbano, mas também promovem o direito à cidade ao democratizar, potencialmente, o acesso e a participação nos espaços públicos. Exemplos são inúmeros: a cultura soundsystem, o circuito do hip-hop, o video-mapping; demonstram o potencial transformador da cibercultura, evidenciando como a tecnologia pode ser um catalisador para a inovação cultural e a inclusão social.

### **O Centro de São Paulo como Miríade Cibercultural**

Nessa parte da discussão optamos por focar na região central de São Paulo por dois motivos principais: primeiro, o estudo desse lugar e dos movimentos culturais nela inseridos fazem parte de uma agenda de pesquisa em andamento há dois anos. Segundo, nossa escolha se baseia em dados e discussões promovidos pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (SMC), em colaboração com o Ministério da Cultura (MINC), durante uma série de encontros no ano de 2016 realizados nos Centros Culturais da Juventude (CCJ) intitulada "*São Paulo Território Digital*". Esses encontros reuniram movimentos culturais, sociedade civil e comunidade acadêmica, enriquecendo nossa compreensão e abordagem sobre o tema.

De forma específica, também como delimitação territorial, a região central da cidade de São Paulo e seu circuito cultural, desenha-se como nosso campo de investigação. Tem-se destaque a discussão das novas formas de articulação e produção cultural frente a um período de alta capilaridade e apropriação das tecnologias da informação pelos movimentos culturais da região central de São Paulo. Essas práticas incluem desde a organização de eventos culturais que ocupam espaços públicos, como praças e ruas, até a disseminação de narrativas alternativas que contrariam as versões oficiais e midiáticas sobre a cidade e seus habitantes.

As discussões promovidas pelo projeto *São Paulo Território Digital* mostraram de forma prática como a tecnologia pode ser usada para superar barreiras e criar novas oportunidades para a participação cultural e política. Nesses encontros foram discutidas a utilização das tecnologias digitais no fortalecimento da participação cidadã e da expressão cultural. O projeto destacou iniciativas que usam a tecnologia para mapear e divulgar atividades culturais, criar plataformas de colaboração e promover a inclusão digital, permitindo que um maior número de pessoas participe ativamente da vida cultural da cidade.

**Figura 2 – Tema dos encontros do projeto “São Paulo Território Digital” - 2016**

SÃO PAULO TERRITÓRIO DIGITAL				
TEMA DOS ENCONTROS				
12/07	16/07	19/07	22/07	23/07
FEMINISMO E CULTURA DIGITAL	ENCONTRO REGIONAL LESTE	HACKERATIVISMO/ CIBERATIVISMO	ENCONTRO REGIONAL OESTE	ENCONTRO REGIONAL NORTE
VIADUTO DO CHÁ, N. 15 – 7º ANDAR.	CENTRO CULTURAL PENHA	MOBILAB	TENDAL DA LAPA	CENTRO CULTURAL DA JUVENTUDE – CCJ

Mais informações em: <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/evento/27676/#/tab=sobre>

**Fonte:** SP Cultura

A combinação entre *técnica e ação política* encontra na cibercultura uma manifestação concreta. A *previsibilidade e a eficácia das ações* (Santos, 2000) aumentam à medida que as tecnologias digitais são integradas às estratégias de luta pelo direito à cidade e ao território. As práticas culturais insurgentes e os projetos colaborativos, como o São Paulo Território Digital, exemplificam como a apropriação das tecnologias pode ser um instrumento poderoso na construção de uma política cultural, também digital, mais inclusiva e justa.

No centro de São Paulo há um impacto significativo na constituição da cibercultura devido a sua densidade de coletivos, movimentos sociais e culturais que se inserem nesse campo de discussão. No âmbito do projeto São Paulo Território Digital, foram mapeados 49 coletivos da cultura digital, dos quais 51% estão localizados na região central da cidade<sup>1</sup>. Esses coletivos se dividem em diversas áreas de atuação:

- 14% utilizam técnicas digitais para discutir território e tecnologia;
- 34% se dedicam à mídia livre;
- 29% são coletivos hackers;
- 23% focam em arte e tecnologia;

Os dados coletados durante o projeto destacam a importância da cibercultura como um catalisador para a mobilização e a expressão cultural no centro de São Paulo. A presença

<sup>1</sup> Para melhor visualização do mapeamento acessar: <https://prezi.com/zqu3dufpulph/sp-territorio-digital/>

significativa desses coletivos na região central indica uma forte concentração de atividades culturais que utilizam a tecnologia e a informação como *ferramenta, suporte, amparo e apoio*. A atuação desses coletivos pode ser entendida através da discussão apresentada por Santos (2000) onde a tecnificação do espaço urbano intensifica as desigualdades, mas também oferece *novas possibilidades de ação*.

O mapeamento coletivo apresentado a seguir evidencia a concentração desses movimentos na região central de São Paulo. Esta área, apesar de passar por um processo de obsolescência, abriga uma ampla variedade de funções devido ao seu caráter heterogêneo como centro metropolitano. Além disso, a região é densamente ocupada pela juventude e suas manifestações culturais, o que intensifica a presença da cibercultura.

**Figura 3 – Mapa São Paulo Território Digital**



**Fonte:** SP Cultura

A seguir, apresentaremos dois movimentos culturais que vêm sendo estudados no âmbito de nossa pesquisa e que substanciam a discussão tecida ao longo do trabalho através dos diálogos entre as práticas culturais, tecnologia e informação *ascendente*.

### **Coletivo Coletores**

O coletivo Coletores, fundado no ano de 2008, desenvolve projetos em toda a cidade de São Paulo que combinam arte, tecnologia e intervenção urbana para destacar questões sociais e culturais, criando um diálogo entre a sociedade e o espaço urbano. Utilizando ferramentas digitais como vídeos, instalações interativas e plataformas online, o coletivo cria narrativas que conectam as experiências das comunidades locais com um cenário e história mais ampla da cidade, muitas vezes apagada e marginalizada. A abordagem do grupo não só valoriza as histórias e vivências, mas também fortalece a luta pelo direito à cidade ao tornar visíveis demandas, pautas e necessidades das populações.

Para o coletivo, discutir e pensar o território, e conseqüentemente sua cultura, diz respeito a compreender o espaço para além de sua materialidade, é em essência um *conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações* (Santos, 1988) como o próprio grupo cita e referencia em seus trabalhos<sup>2</sup>.

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais. Santos (1988, p. 25).

Apesar do coletivo ser oriundo da zona Leste da cidade, região de Itaquera, suas ações expandem-se por toda São Paulo. Na região central, os projetos se fazem presentes pela centralidade do espaço e pelo mesmo ser um catalisador de trabalhadores e jovens da periferia que transitam por ali diariamente.

As intervenções produzidas, em sua grande maioria, partem da proposta de contar e recontar as histórias de pessoas, grupos, coletivos e práticas que foram excluídas, renegadas e marginalizadas da “história oficial” da cidade de São Paulo. A produção acontece em trânsito pela cidade e, segundo o coletivo, a mesma é pensada como uma plataforma e uma grande tela para as manifestações artísticas. Nesse sentido, projetam e intervêm, sobre prédios, ruas e

---

<sup>2</sup> [https://issuu.com/flacama/docs/inter\\_exos\\_territ\\_rios\\_e\\_paisagens](https://issuu.com/flacama/docs/inter_exos_territ_rios_e_paisagens).

espaços, imagens e escritos apresentados através de vídeo mappings, instalações multimídias, pixos e grafites digitais. Projetam rostos, reivindicações, narrativas e manifestações artísticas que contam, nos lugares, suas histórias.

Para o grupo, a manifestação cultural é tida como um traço inerente à humanidade e suas formas de sociabilidade. Frente a isso há a necessidade latente de realizá-la, compartilhá-la e reproduzi-la. Em consonância, Sodré (1988) em *O Terreiro e a Cidade - A Forma Social Negro Brasileira*, aponta que, mesmo quando praticada sozinha, as manifestações culturais estão ligadas ao coletivo, seja por meio da ancestralidade, pela manifestação em determinado espaço ou pela própria história.

Essa "rua" tão temida pelo universo da produção é o espaço de proximidade entre vida cotidiana e produção simbólica, lugar de uma atmosfera emocional ou afetiva- ethos, costumam dizer os antropólogos - que institui canais especialíssimos, não-linguísticos, de comunicação. O território torna-se continente de uma densidade simbólica, assimilável não pela racionalidade conceitual, mas sinestesticamente, com corpo e espírito integrados numa atenção participante. Sodré (2002. p. 162).

**Figura 4 – Escravizada Anastácia projetada na estátua Borba Gato**



**Fonte:** Acervo Coletivo Coletores.

**Figura 5 – Mulheres negras latino-americanas e caribenhas projetadas na igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos**



**Fonte:** Acervo Coletivo Coletores.

As duas imagens apresentadas acima (Figura 4 e 5) são duas das centenas de intervenções realizadas pelo coletivo em seus dezesseis anos de existência e atuação. A primeira insere-se como parte do projeto *Pujança Editada - Intervenção monumento Borba Gato 2020*. Essa intervenção buscou, através da projeção, produzir outra simbologia e significado para o que essa imagem representa no genocídio da população negra brasileira. Na imagem está projetada a figura de Anastácia, mulher negra escravizada e que dentro de todas as agressões sofridas, foi penalizada com a perda do direito de falar.

A segunda imagem faz parte do projeto *Território de Memórias*, onde realizaram video mappings em diversas localidades do centro de São Paulo com o objetivo de trazer *imagens de personalidades, territórios e movimentos sociais apagados, esquecidos ou de reconhecimento tardio pela nossa própria história*. A imagem em específico foi projetada na igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, local de grande importância e significado para a história negra da cidade de São Paulo.

### **Cultura Soundsystem no centro de São Paulo**

A cultura *soundsystem*, originária da Jamaica na década de 1950, encontrou solo fértil no centro de São Paulo. No contexto urbano paulistano, essa manifestação cultural se destaca não apenas como um elemento de entretenimento, mas também como um potente meio de expressão política e social.

Os coletivos de *soundsystem* no centro de São Paulo utilizam tecnologias digitais para criar, disseminar e promover suas atividades. Eles utilizam redes sociais e outras ferramentas digitais para alcançar um público mais amplo, mobilizar eventos e articularem-se com outros movimentos culturais da cidade, atraindo e concentrando jovens dos quatro cantos de São Paulo em suas ações.

Essa prática reflete uma apropriação crítica e criativa das tecnologias, alinhando-se com o conceito de cibercultura, onde a interatividade e a conectividade são centrais. Além disso, o ato de samplear e remixar músicas nos sistemas de som, muitas vezes construídos de forma artesanal, traz a reflexão de outras formas de apropriação e divulgação de músicas que na maioria das vezes só podem ser acessadas via plataformas de *streamings* pagas.

A interação digital permite uma organização ágil e uma disseminação rápida das informações, potencializando a ocupação física dos locais e fortalecendo a presença da cultura *soundsystem* no centro da cidade. Segundo Tarja (2002), essas redes permitem a formação de comunidades virtuais que podem articular movimentos e lutas sociais, tendo um objetivo democrático comum.

Em um contexto marcado por desigualdades, especulação imobiliária e processos de gentrificação, a cultura *soundsystem* se apresenta como uma forma de resistência e afirmação de identidade, promovendo a diversidade cultural e a inclusão social. Essa dinâmica se insere na discussão de direito à cidade, onde a ocupação dos espaços urbanos por movimentos culturais representa também a luta pela democratização do acesso e valorização da cultura popular e de rua.

Dessa forma, compreendemos o centro de São Paulo como uma *miríade cultural* levando em consideração o entendimento desse lugar como um espaço em que a juventude, em sua maior parte periférica, cria *contra-racionalidades* frente às violências das técnicas e da informação, do capital imobiliário e das arquiteturas de segregação urbana. O espaço possui um

papel central nessas outras possibilidades de reinvenção da vida cotidiana e das manifestações de lazer e cultura. Sobre a potencial *docilidade das técnicas* (Santos, 2000), os coletivos se apropriam desses objetos para tecer outras narrativas, disputando dia a dia o direito à cidade e ao território e por que não o direito ao digital e a *tecnodiversidade* (Hui, 2020).

**Figura 6 – Soundsystem da região da República, centro de São Paulo**



**Fonte:** Acervo centrão massive

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

O presente trabalho buscou tecer reflexões e abrir um espaço para a discussão acerca da articulação entre cultura, tecnologia e direito à cidade. Essa temática torna-se cada vez mais urgente para a compreensão das dinâmicas urbanas contemporâneas. O centro de São Paulo, com sua diversidade cultural e alta densidade de movimentos sociais, mostra-se como lugar onde essas forças ascendentes se encontram e se transformam. A *cibercultura* emerge como um vetor crucial nesse contexto, potencializando a capacidade de mobilização e expressão cultural das juventudes periféricas na apropriação do centro.

Através do uso ascendente das tecnologias digitais, movimentos culturais conseguem não apenas visibilidade, mas também a possibilidade de criar novas narrativas e contestar as estruturas hegemônicas. A cultura *soundsystem*, por exemplo, ilustra como as práticas culturais

podem se reinventar e se adaptar às novas realidades tecnológicas mantendo suas raízes e tradições enquanto se conectam com o novo. O Coletivo Coletores, por sua vez, se apropria das tecnologias da informação utilizando-as como instrumento de intervenção artística sobre a cidade e ferramenta de apoio para a construção e ressignificação de territórios que passaram por um processo de apagamento e embranquecimento de suas histórias.

A inserção da cibercultura no centro de São Paulo facilita, assim, a organização e a visibilidade dos movimentos culturais, promovendo novas dinâmicas de participação e engajamento. As práticas culturais insurgentes e os projetos colaborativos, como o "SP Território Digital" e a atuação do coletivo Coletores, exemplificam como a apropriação das tecnologias pode ser um instrumento poderoso na construção de uma globalização mais inclusiva e justa.

Assim, a luta pelo direito à cidade e ao território é também uma luta pelo direito ao digital e à *tecnodiversidade*. Os movimentos culturais no centro de São Paulo demonstram que, mesmo em um cenário de desigualdades e exclusão, é possível construir alternativas através dos diálogos entre cultura e tecnologia. Esses processos de apropriação tecnológica e articulação cultural se colocam, portanto, como fundamentais para a construção de uma cidade mais inclusiva, democrática e justa.

## 5. REFERÊNCIAS

---

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo**. *Novos Estudos - Cebrap*, [S.L.], n. 94, p. 31-67, nov. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-33002012000300002>.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2019.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. Trad. Armando Corrêa da Silva. São Paulo: Hucitec, 1980.

Hui, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LEMONS, A. **Bodynet e Netcyborgs: Sociabilidade e novas tecnologias na cultura contemporânea**, in Rubim, A., Bentz, I., Pinto, M.J. (orgs). *Comunicação e Sociabilidade nas Culturas Contemporâneas*. Petrópolis, Ed.Vozes/Compós., 1999.

\_\_\_\_\_. **Cibercidades: As Cidades na Cibercultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. LEMOS, André. “Mídias locativas e territórios informacionais”. In: Estéticas tecnológicas. Novos modos de sentir, Lucia Santaella e Priscila Arantes (eds.). São Paulo: Educ, no prelo. 2008.

LÉVY, P. **A Inteligência Coletiva: Por uma Antropologia do Ciberespaço.** Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MOYSÉS, M. **Circuito RAP do Distrito Federal: território usado e lugar.** 2018. 1 recurso online (224 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1633339>. Acesso em: 18 jun. 2024.

RIBEIRO, A. C. T. **Lugares dos saberes: diálogos abertos.** In: BRANDÃO, M. Milton Santos e o Brasil. Território, lugares e saberes. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

RIZZATTI, Helena. **Urbanização corporativa vista pelo avesso: periferização, interseccionalidade e lugar - uma análise a partir das ocupações de terras urbanas .** 2020. 1 recurso online (391 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1639443>. Acesso em: 4 ago. 2024.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** HUCITEC, São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

\_\_\_\_\_. **O recomeço da história.** *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 09 jan. 2000. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc\\_3\\_1.htm](https://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_3_1.htm). Acesso em: 30 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal,** Rio de Janeiro, Record, 174 p., 2000.

\_\_\_\_\_. **Sociedade e Espaço: Formação Espacial como Teoria e como Método.** Antipode, nº 1, vol. 9, jan./fev. de 1977.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço e tempo.** São Paulo-SP: Hucitec, 1994 a.

SILVA, Adriana M. Bernardes. **Informatização planetária e usos do território brasileiro: disputas e tendências.** In: ARROYO, Mónica; SILVA, Adriana M. Bernardes (org.). Instabilidade dos territórios: por uma leitura crítica da conjuntura a partir de Milton Santos. São Paulo: FFLCH/USP, 2022. p. 225-241.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade.** Petrópolis. Vozes, 1988.

TARJA, Tarcízio Silva. **Redes e comunidades virtuais.** In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs.). Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 125-144.